

EDITORIAL

José Antonio Spinelli Lindoso
Marcos Antonio da Silva

Desde a Antiguidade o impulso por igualdade, e também por igualitarismo, tem marcado o pensamento político. Na modernidade tal impulso se materializou numa diversidade de teorias que procuraram se diferenciar do pensamento liberal e da centralidade que este confere à liberdade do indivíduo possessivo como valor político supremo. Nesse sentido, apesar da pluralidade e da diversidade das correntes do pensamento igualitário, a partir do século XIX, a vasta e complexa obra de Marx e Engels tornou-se a referência fundamental do pensamento político antiliberal e alternativo.

Com a ascensão dos regimes revolucionários do século XX, a partir da Revolução Bolchevique na URSS (União das Repúblicas Socialistas Soviéticas), a teoria marxista não somente foi levada à prática, ainda que de forma polêmica, como colocada à prova. Assim, emergiram os regimes do chamado socialismo real ou comunismo histórico que, pela primeira vez na história, procuraram contrapor-se à ideologia liberal e à organização capitalista, com a proposta de criação de uma sociedade mais justa e solidária. O embate entre comunismo e capitalismo determinou a história mundial no curto século XX, como afirmava Hobsbawm.

Apesar de inúmeras vozes (inclusive no campo do marxismo) alertarem, desde a vitória bolchevique, para os enormes desafios e os problemas que a experiência soviética já apontava, tal modelo tornou-se a referência fundamental para as experiências socialistas posteriores, ainda que algumas apresentassem pequenas inovações. Malgrado as críticas, tais experiências duraram todo o século e somente nos anos 1980, a intensidade da crise econômica e política desses regimes adquiriu novos contornos e levou-os à derrocada. Tal processo foi simbolicamente representado pela queda do Muro de Berlim, em 1989, e se encerrou com o desaparecimento (a autodissolução) da URSS em 1992.

Considerando a importância do tema, o Departamento de Ciências Sociais da UFRN organizou, em maio de 2012, um seminário denominado de “Balanço do Socialismo”, com o intuito de realizar um resgate crítico e prospectivo das experiências de socialismo no século XX, bem como socializar junto a docentes e estudantes de distintas áreas do saber a reflexão que se vem fazendo na academia a respeito das experiências do chamado “socialismo real”. Ao mesmo tempo, tal evento se propunha a abrir um debate entre as diversas linhas interpretativas e enfoques teóricos diferenciados acerca de experiências que se colocaram como alternativas ao capitalismo de mercado.

Partimos de algumas interrogações fundamentais: tais sociedades eram econômica e politicamente viáveis? Se o eram, quais as razões de seu fracasso? O peso de uma “nova classe”, saída das entranhas das burocracias partidárias e estatais, foi determinante para sua dinâmica? Construíram efetivamente caminhos rumo ao socialismo, ou apenas representaram um modelo distinto de capitalismo, o capitalismo de Estado ou de outra sociedade alternativa, o chamado “estatismo burocrático” ou o “socialismo de caserna”? Quais as implicações que decorreram da construção desse “modelo” socialista em sociedades capitalistas atrasadas? É o socialismo um projeto ainda viável face às desigualdades sociais do capitalismo e à sua concentração da riqueza e do poder? Finalmente, qual o legado e o balanço de tais experiências para o século XXI?

Para ampliar o propósito público do debate, oferecemos aos leitores da CRONOS parte das contribuições dos participantes do evento que possibilita uma visão geral das reflexões, dos argumentos e debates do que foi discutido.

No artigo *As 7 vidas do Stalinismo*, Lincoln Moraes nos convida a refletir sobre uma das faces da experiência soviética e procura, além da caracterização do stalinismo, demonstrar sua vigência evidenciada, entre outros, na atuação política de certos grupos no que se refere à falta de mediação, à inexistência de memória, à subordinação dos movimentos sociais ao partido e ao Estado, entre outras.

No artigo *Kautsky, Lênine e o Comunismo Soviético*, Rubens Pinto Lyranos introduz ao debate, por vezes ignorado, entre dois expoentes do marxismo do início do século passado: K. Kautsky e V. I. Lenin. Nesse sentido, procura analisar tal embate teórico e as razões do esquecimento do legado de Kautsky, tendo como pano de fundo a relação entre socialismo e democracia.

Já o texto *O socialismo: entre o passado e o futuro ou um socialismo a reinventar*, de Marcos Antonio da Silva, discute as razões da perda do poder de atração e da viabilidade do socialismo realmente existente. Dessa forma, oferece, a partir da análise do socialismo soviético, uma análise que aponta que as limitações políticas (democracia e arranjo institucional) e econômicas (centralização e estatização) foram os fatores fundamentais para sua derrocada e que somente um balanço crítico e novas formas de organização política e econômica podem recuperar a viabilidade e o poder de atração de uma proposta socialista.

O artigo *Marx no século XXI: uma leitura O Capital à luz da realidade contemporânea*, de Francisco José Soares Teixeira, nos conduz à complexidade do pensamento de Marx e sua atualidade. Para tanto, partindo de uma leitura instigante de *O Capital*, de Marx, o autor procura demonstrar como em análises específicas (do Mercado Mundial, da natureza das crises no capitalismo e do caráter cosmopolita do capital, entre outros) e na teoria geral da produção de valor em que emerge a noção de cooperação complexa, podemos compreender,

apesar de novas formas de precarização do trabalho (e do trabalhador) e da expulsão deste das fábricas, como ocorre a manutenção da mais-valia e o funcionamento da lógica do capital na sociedade contemporânea.

O artigo *Revisionismo, Reforma e Revolução*, de Ricardo Musse, realiza um balanço do pensamento de Rosa Luxemburgo. Para tanto, analisa o debate no interior do marxismo alemão do início do século XX, entre revisionistas e reformistas no Partido Social-Democrático Alemão, discutindo as diferenças entre as concepções de Rosa Luxemburgo, Eduard Bernstein e Karl Kautsky. Nesse sentido, ao mostrar a evolução de seu pensamento e, ao mesmo tempo, suas considerações em relação à estratégia bolchevique e à realidade alemã, demonstra que Rosa Luxemburgo constrói uma concepção particular do marxismo enfatizando a atuação “pela base”, a unidade das forças socialistas e a intensificação da prática revolucionária.

O texto *UNIÃO SOVIÉTICA: da Nova Política Econômica (NEP) à construção do ‘socialismo num só país’*, de José Antonio Spinelli, recupera certas linhas de força da construção do socialismo e do debate que se produziu nos anos 1920 e 1930 do século XX entre dirigentes políticos e intelectuais de esquerda russos e europeus, enfatizando o papel do Partido Bolchevique e do núcleo dirigente do Estado soviético.

Concluindo, oferecemos ao leitor uma visão diversificada e – esperamos – instigante das principais questões que marcaram as experiências socialistas do século XX, considerando que tal balanço possa contribuir para a reflexão de seus erros e acertos e, principalmente, revigorar o debate e a prática socialista neste novo século. Boa leitura!